

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Rua da Rainha, 126

Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 4 DE NOVEMBRO DE 1900

ECCE SACERDOS MAGNUS

Dentro dos muros da antiga e nobre cidade de Guimarães está o Primaz das Hespanhas.

Na observancia das tradições de seus venerandos Antecessores, quiz o inclito Prelado distinguir a patria natal de D. Afonso Henriques iniciando por ella a visita pastoral, que decretou para toda a sua populosa archidiocese.

Que bem vindo seja o Grande Sacerdote do Altissimo. E que os habitantes da cidade de Guimarães correspondam com um amor e distincção egual ao amor e distincção com que elle nos ama e distingue.

E' o Senhor D. Manuel Baptista da Cunha um Prelado, que Deus enriqueceu com os dotes mais excellentes.

Douto na sciencia da religião, experimentado no governo ecclesiastico, firme de vontade, suave em seus mandados e virtuoso de virtudes civicas e religiosas, é um Prelado como o exige a condição religiosa e social dos tempos, que vão transcorrendo.

O mundo social oscilla como edificio levantado sobre alicerces, que a malquerença vae pouco a pouco destruindo. O que as várias escholas sociologicas consideravam base inabalavel e indiscutivel está hoje reduzido, em grande parte, á escura cathegoria de problemas de que se procura a resolução ou por uma sciencia audaciosa ou pela destruição revolucionaria.

O mundo religioso não é, como nos seculos anteriores ao seculo XVIII, atacado n'um ou n'outro dos seus dogmas. E' combatido em todos elles pelo racionalismo ou pelo indifferentismo religioso, que teem sua génese no orgulho humano e na dissolução dos costumes a que causam horror a santa idea do Deus, que tudo vê e julgará, e os preceitos puros e irreductiveis da sua divina palavra.

A egreja bracarense possui um Prelado, que muito a póde auxiliar no tremendo combate em que a sociedade está empenhada, dirigindo-a pela estrada real da verdade e do bem contra a propaganda do erro e do mal.

Sandemol-o, pois, com vivo enthusiasmo.

Da sua parte, a redacção d'*A Memoria* presta sua sincera homenagem ao nobre Prelado, traçando estas singelas palavras.

A.

D. MANUEL BAPTISTA DA CUNHA

O venerando antistite bracarense, que ha pouco mais de um anno governa esta vasta Archidiocese, inicia a *Visita Pastoral* por Guimarães, cidade fidalga por excellencia que tão notavel se tornou entre as demais do paiz!

E' assáz conhecida a sua historia brilhante, para que ninguem estranhe a preferencia que, a exemplo dos seus predecessores e no cumprimento do dever do seu munus, hoje lhe dá o actual Prelado.

O snr. D. Manuel Baptista da Cunha, que aqui fez a sua entrada solemne no dia 12 de agosto do anno findo, dia em que havia 16 annos fôra preconizado no Consistorio o saudoso snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, é o II.º do nome e tem na serie dos Prelados de Braga o n.º 124, segundo a ordem da collecção de retratos existente no salão do Paço, os quaes se dividem em 64 Bispos, desde S. Pedro de Rates até D. Pedro II, e 59 Arcebispos, desde S. Geraldo até D. Antonio Honorato. N'este numero tivemos 1 Pontifice, 1 Monarcha, 4 Cardeaes, 23 Santos, 2 Bemaventurados e muitos sabios e virtuosos como D. Frei Bartholomeu dos Martyres; que quando fez a sua entrada no Paço, a 4 de outubro de 1559, proferiu modestamente este texto de Cicero (*De officiis, lib. I*), hoje gravado na verga da porta principal:

O DOMVS ANTIQVA!
QVAM DISPARI DOMINO
DOMINARIS!

Guimarães recebe festivamente o preclaro Arcebispo, testemunhando-lhe o respeito e veneração que lhe inspira; e Sua Ex.^a Rev.^{ma} hade recolher, durante a sua *Visita Pastoral* no Arcipresbiterado, as mais gratas impressões,

Braga

3—XI—900,

ALBANO BELLINO.

Requiem æternam

(Em dia de finados, n'um cemiterio)

Os encantados sonhos de ventura
E as esperanças mais risonhas, bellas,
Vem, no furioso vento das procellas
Da morte, aqui findar á sepultura.

Dormem amigos, pois, irmãos queridos
—Os corações que em vida o amor abraza,
Aqui, na gleba humilde, em campa rasa
Ou sob a louza, em cinzas envolvidos.

Vinde anjos loiros que viveis a infancia
Como ingenuas e meigas borboletas,
Alentifar de goivos e violetas
A mansão triste da funeria estancia.

De mãos direitas e de olhar piedoso
Orae a Deus, de joelhos, reverentes,
Que elle ha-de ouvir as preces innocentes
E dar ás almas o eternal repouso.

S. Lourenço de Sande.

SILVA GONÇALVES.

ESPIRITAS

(PAGINA DAS MINHAS «MEMORIAS»)

(Continuação)

Os meus companheiros pareciam cansados, fizera-se um grave silencio durante o qual ouvi rodarem trens na rua Monsinho da Silveira; Claudino annunciára que ia interpretar, á grande luz da exegese espirita, todos os promenores do templo de Salamá, que encerravam um justo symbolismo; a chamma do candieiro diminuia espalhando grandes manchas de sombra nos angulos da casa.

De subito um grito estridente gelou-me de terror e mal distingui, de pé, mais pallido que o seu collarinho largamente aberto na frente, de um formato uzado ha vinte annos, o homunculo que havia instantes fitára com socego.

Elle conservou-se assim um momento e depois, tendo formado um agil salto, cahiu no meio da sala onde ficou inteiriçado e rigido como se fôra subitamente ferido do tetano. Homens acercaram-se; as mulheres fitavam distrahidamente a scena e essa moreninha, que mais que todas me interessava, nem sequer ergueu as longas palpebras morosas, onde havia o langor do quente sangue hespanhol.

O homem, pallido ha pouco, tinha agora a face roxa como a das creanças que a coqueluche estrangula; os olhos rolavam-lhe nas orbitas desmedidamente abertas e a bocca torcia-se em esgarés medonhos, que tinham a um tempo o quer que fosse de comico e sinistro como as gargalhadas de um palhaço de feira esfomeado. A maxilla inferior violentamente

apertada contra a outra tinha movimentos lateraes que faziam ranger os dentes; a saliva batida pela continua agitação da bocca aflorava-lhe aos labios sob forma de espuma ensanguentada.

Eu ia levantar-me, aconselhar a metterem-lhe na bocca um vintem, não fosse o pobresinho trincar a lingua, mas parei vendo a hirta solemnidade com que da sua cadeira Claudino bradava em voz forte e imperiosa:

— «Espíritos maus, deixae o corpo do nosso irmão! Anjos do Senhor expulsae os espiritos immudos!» Um momento cuidei que os espiritos obedeciam ao mandado solemne; as convulsões tinham diminuido, o homem parecia voltar a si. Mas como a tempestade que se acalma um momento para em seguida redobrar de violencia, bem depressa o accesso se tornou ainda mais forte do que a principio; via-se-lhe o collete preto e sebaceo estremeecer com as fortes pancadas do coração, não bastavam quatro homens a segurar-lhe os membros e um suor abundante escorria-lhe pela face.

Havia já talvez dez minutos que esta scena tinha começado. Claudino Netto acabára por erguer-se e continuava as suas predicas aos espiritos infernaes fazendo ao mesmo tempo com as mãos sobre o desgraçado menção de sacudir d'elle qualquer coisa importuna—os maus espiritos sem duvida.

Pouco a pouco o doente foi-se aquietando; deu um longo suspiro e ficou immovel respirando lenta e estertorosamente. Sacudiram-no; elle ergueu-se passeando em redor o olhar espantado; pediu que o deixassem e foi, amparado por outros, sentar-se adormecendo com a cabeça nos braços crusados sobre as costas da cadeira.

(Continúa)

HOMO.

CARTA DE AMOR E SAUDADE

Da Cabra ao Cabrão

DA

Universidade de Coimbra

«Recebi nos meus braços fallecidos
Essa saudade intensa que te havia
De roubar essa vida, essa alegria
Que tinhas quando estavamos unidos.

A lêr os versos teus do amor nascidos
Que sempre me tiveste, e me sorria
Com o tão meigo olhar da Academia,
Eu passo mil momentos esquecidos.

Ao teu chorar eu dou muita razão,
Visto que n'esta ausencia não tem fim
A dôr que nos magôa o coração.

Isto é um sonho; mas quem dêra: sim,
Que um raio te partisse, meu Cabrão,
...E então virias tu p'ra o pé de mim!...

A tua
Bri-Bri.»

Coimbra.

FERALDO FLAVIO.



A villa da Povoa do Castello

DE

Lanhoso

Conforme a epigraphe d'este artigo, assim se escrevia nos documentos antigos. Hoje, como somos inclinados a abreviaturas, está esquecida aquella honrosa denominação; e dizemos honrosa, porque, o Castello de Lanhoso é, com certeza, um padrão de gloria d'esta antiga villa e comarca, pelo nobre e glorioso tratado de Lanhoso, celebrado dentro das muralhas do castello, entre as duas rainhas, D. Thereza de Portugal, e D. Urraca de Castella, e que ali foi assignado pelas ditas rainhas e pela sua côrte concorrendo muito para a independencia de Portugal.

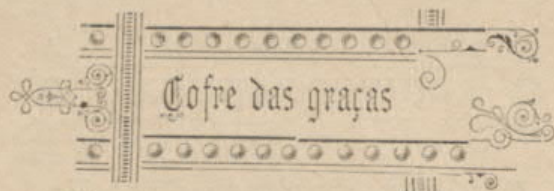
Por muito tempo estiveram as duas rainhas, irmãs belligerantes, uma sitiada, outra sitiante; esta, porem, vendo a impossibilidade de tomar aquella fortaleza, então inexpugnável praça d'armas do castello de Lanhoso, sujeitou-se áquelle tratado tão nobre para o então condado portugalense, e de tão subida honra para esta antiga villa da Povoa do Castello de Lanhoso, que os condes Osorios povoaram.

Tem esta villa foral, e são suas armas—escudo partido em palas; na primeira as armas de Portugal, na segunda em campo vermelho, castello de ouro chammejante sobre rocha de prata, tudo lavrado de preto; timbre, corôa mural de prata com o castello em cima.

Corre em tradição, mencionada em algumas obras, que áquelle castello lançára fogo o seu mesmo possuidor, ou feudatario, D. Rodrigo Gonçalves Pereira de Berredo, por se convencer da infidelidade de sua consorte, sendo esta, familiares e animaes domesticos, victimas da catastrophe, porque, o incendiario, ao retirar-se teve o cuidado de fechar a segura porta da fortaleza, para que todos ali ficassem carbonisados. A ser verdadeiro este facto, dispunha o Berredo d'um poder real e illimitado, debaixo de cujas condições occuparia então, como governador ou feudatario, o castello. E mesmo porque, o antiquissimo solar dos Berrelos, teve o seu assento na freguezia de Geraz, a pouca distancia do castello de Lanhoso. D. Rodrigo de Berredo era descendente dos Osorios, Berredos e Ribeiros; e D. Martim Paes Ribeiro possuiu o dito solar de Geraz.

Povoa de Lanhoso.

FRANCISCO M. M. D'OLIVEIRA.



Faz annos a ex.^{ma} sr.^a:

Dia 6—D. Deolinda Faria e Souza
Abreu Vieira.

Notas intimas

Como estava annuciado, chegou hontem a esta cidade, pelas 11 horas da manhã, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz D. Manuel Baptista da Cunha.

A recepção foi brilhante, como se esperava, sendo S. Ex.^a alvo das mais cordeas demonstrações de respeito por parte de todos os vimaranenses.

Depois da organização do prestito na igreja da Santa Casa da Misericórdia, seguiu para a Insigne Collegiada, onde foi celebrado o *Te-Deum* salemne, com assistencia das pessoas mais gradas d'esta cidade.

As ruas por onde desfilou a longa procissão estavam formosamente engalanadas e repletas de povo, que se acotovelava para vêr o illustre Prelado,

Na ultima terça-feira, retirou-se definitivamente para Braga, sua terra natal, despedindo-se de nós, o sr. Antonio Junqueira Junior, zeloso e activo empregado que foi da recebedoria d'este concelho, deixando-nos arraigadas saudades pela convivencia e trato affaveis.

A sua retirada obedeceu simplesmente ao seu feliz consorcio com a ex.^{ma} snr.^a D. Maria da Torre dos Santos Machado, prenada filha do snr. Antonio Vieira dos Santos Machado, considerado e abastado negociante d'aquella cidade.

O enlace effectuou-se na quinta-feira ultima.

Desejamos, pois, aos nubentes todas as venturas de que são dignos e que d'ellas compartilhem suas estreosas familias.

Tem estado bastante enfermo o sr. Francisco Costa, illustrado regente da banda regimetal.

Estimamos as suas melhoras.

Partiu hontem para o Porto e d'alli segue para Lisboa a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Natividade Meirelles de Campos Henriques, distincta dama vimaranense e dilecta esposa do illustre ministro da justiça, sr. conselheiro Campos Henriques.

Já regressou da Povoia de Varzim com sua dedicada familia, o intelligente amanuense da administração do concelho, sr. Antonio d'Oliveira Pinto.

EVOCANDO...

(Poesia destinada a ser distribuida no sarau da academia portuense, no *Theatre da Rua dos Condes*.)

D'esta cidade, aonde me lançou
Um destino cruel e traiçoeiro,
Recordo aquelle tempo que passou
Em que fui vosso amigo e companheiro.

Lembro as manhãs d'inverno carregado,
O nevoeiro intensamente baço
E as raparigas de cabaz no braço,
Que iam fazer as compras ao mercado.

E nós, cheios de livros e de somno,
Tendo deixado a cama feitiçeira,
Repetiamos alto, sem entono,
As lições colossaes do mau Ferreira.

Lembro a aula do Conde, ás duas horas;
—Sentia a gente convulsões ferinas
Onviudo fóra, retinir sonoras,
As vozes das peixeiras, das varinas—.

E Botanica, que era ao meio dia,
Na torça do calor, da indolencia,
As duzias de dispensas, que eu mettia:
Chegava quasi a ser uma insolencia!

Mais essa aula dormente do Aarão
(Eu ainda não tive uma outra assim)
Em que ouviamos nós a prelecção,
Olhando vagamente o manequim!

A do Arroyo, fallador nervoso
Sobre Avogadro e suas excellencias,
Onde eu ia depois, por curioso,
Somente para ver experiencias.

Todos aquelles lentes que deixei
Com lições boas, com *extenderete*...
A carteira da aula onde entalhei
As letras do meu nome a canivete.

Essa vida, que então alli vivia,
Eu vejo na memoria prepassar:
Muzica no Jardim da Cordoaria,
E passeios á Serra do Pillar.

Feira de S. Miguel com barnçoas,
As *capetadas* sobre o lume que arde,
Bilhar chinês e outras invenções...
Todos lá fomos apostar de tarde.

O Arcinho—que fica á beira Douro,
Vae-se de barco lá quando é f'riado.
Tudo o mais que passou num sonho de ouro,
Para mim, que já vivo despertado,

Mais distingo, atravez do denso veu
Que tomba sobre as coisas já passadas,
Aquelle conflicto que se deu,
Em que houve tiros, houve cutifadas.

E de todo esse tempo, lembrado
Com amor, com saudade, com ternura,
Esqueceram-me os dias de mau fado,
Só me lembram as horas de ventura.

Mas hoje sou feliz, quo posso enfim
Adormecer uma saudade atroz...
Talvez que já vos não lembreis de mim,
Eu recordo-me bem de todos vós!

Como quem vê surgir, em seu degredo,
Um irmão que o seguia entre mil p' rigos
E se perdeu depois, o abraça ledo...
Assim eu vos abraço, meus amigos!

Lisboa, 18—3—900.

HOMO.

DESANIMO

Nasce o homem para soffrer : é a lei terrível do mundo. O soffrimento é o ferrete indelevel sem o qual o homem não pode abandonar este fojo de serpentes, este latibulo de abutres que se chama terra. E' por isso que elle apenas nasce solta um vagido, é por isso que elle emprega o seu ultimo alento 'num suspiro, não de saudade que lhe não incutem saudades os pungentes espinhos d'este mundo, mas sim de supremo alivio porque entre si e a desgraça que o persegue vac interpor a lousa fria d'um tumulo!

Ahi, sim! Que já não pode a desgraça quebrar essa lousa e continuar a feril-o.

Ahi, sim! Que 'nessas trevas tão profundas só a paz, só o esquecimento podem viver.

Ahi, sim! Ahi, pode o desgraçado dormir tranquillo.

Morrer... Que suavidade, que doçura que o coração do desgraçado sente quando lhe pronunciam essa palavra—morrer...

Como deve ser bom o tacto gelido da mão da morte, quando ella, enfim, compadeceida de nós, nos leva em seus braços de neve para os horisontes infindos, onde só a solidão domina...

Como deve ser bom o beijo sinistro que ella nos dá, quando nós, querendo em arranços supremos quebrar a gargantilha de dor que nos opprime, cahimos exanimos, esvaídos, exhaustos, 'nesta lucta gigantesca do homem contra a desgraça.

Morrer... Não mais sentir este cilicio de espinhos, estas punhaladas que instantaneamente a dor nos vibra...

Morrer... Trocar para sempre a luz do sol que nos abraza pelas negruras infernaes do chãos que nos acolhem sorridentes...

Morrer... Cingir na fronte o diadema da paz, esmagar no peito um coração onde se abrigaram os enlevos, os delirios d'uma illusão fugaz, buscar sob as lages d'um tumulo a bonança, o socoço que não encontramos na vida.

Como deve ser bom, abraçados no busto marmoreo da morte, ver desaparecer sob nós esse antro de desgraça, esse mar d'armargura—o mundo enfim!...

24—10—900.

ANTHISTENES.

TRAÇOS SIMPLES

O astro rei, dardejando seus tenues raios d'ouro sobre as ultimas cumeadas dos montes, escondia-se no occaso. A lua, a soberana da noite, vinha subindo, magestosa e poetica, nas regiões ethereas, desprendendo seus raios argenteos sobre o globo.

No firmamento, principiavam de scintillar as primeiras estrellas.

A esta hora, n'aquelle logar, o silencio era interrompido apenas pelo cantarolar do rustico, que, cheio do labutar do dia, vinha regressando ao lar reparador; pelos ultimos cantares dos ternos volateis, que, cortando o espaço em vôos ligeiros, se refugiavam na espessa ramaria; e pelo deslizar d'uma brisa refrigerante, perfumada dos arómas das florinhas campestres.

A noite ultimou alfim de obscurecer o globo.

O firmamento, que vislumbres não ostentava!

Haverá, acaso no mundo quem se recuse a contemplar o maravilhoso espectaculo da Natureza numa d'estas noites tão poeticas e amenas, em que tudo é bello e ideal, em que a alma, coagida, se desembaraça dos vinculos das suas perturbações, expandindo-se em plena serenidade e satisfação?

Ah! só aquelle que não tiver coração para amar, tristezas para dissipar e soffrimentos para alliviar!

Numa pequena collina, sentado numa pequena eminencia do solo, com o rosto pendente sobre as mãos, só, sem a vista d'um só curioso, que interrompesse seus pensares, ali se via sempre immovel aquelle infeliz ente.

Que procurava n'aquelles sitios tão ermos e taciturnos? Por ventura estava ali para contemplar aquellas maravilhas que a seus olhos estavam visiveis? Não.

Martyr de atrozes soffrimentos d'alma, buscava ali, n'aquelle logar, sósinho e pensativo, remedio para seus males, balsamo para suas feridas, abertas pela severa lança de Cupido.

Ah! infeliz de ti! Queres anniquillar tuas cruciantes dores? Levanta os olhos ao céu, dirige uma fervorosa supplica ao Deus Creador de todas essas deslumbrantes maravilhas, que a teus olhos se espectaculam, e roga-lhe que te envie seus divinos mensageiros, para te conduzirem á região celestial, onde teu pobre coração encontrará a metade, que tão licitamente perdeu neste valle de lagrimas.

Supplica, pois, infeliz!

G. P. L.

VARIEDADES

JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde o programma seguinte:

1.^a parte

Hymno Nacional.
Recordação de Runa—Walsa.
Lakmé—Fantasia.
Entre Rous—Mazurka.

2.^a parte

Os Mineiros—Polka.
Herodiade Pot-pourri—*Massenet*.
Rose et Margarites—Quadrilha de Walsas—*Valdtcufel*.
Jahora—Passe-Calle.

Espectaculo

Effectivamente realisou-se no domingo no theatro D. Affonso Henriques o espectáculo que aqui noticiamos, com o drama—*A falsa adúltera*.

O desempenho dado pela Sociedade Artistica Portuense foi muito regular e tanto que sobressahiram os amadores Moreira, Vianna, Soares, Costa e Aurelio. Os outros, porém, destacaram-se pessimamente e demais em *rabulas*.

Quanto ás artistas que faziam parte da sociedade, apenas Amelia Rodrigues soube encárar o seu papel com a realidade devida, demonstrando talento. E Carlota Vellezo, afóra uma ou outra plrase de effeito, houve-se detestavel.

Todavia o espectáculo satisfaz e a prova é que não faltaram applausos por parte dos poucos espectadores.

Pena foi que alguns d'elles se portassem tão dignos de censura, no decurso do drama, e que o pobre beneficiado não angariasse receita para a despesa como nos consta.

Informam-nos que uma *troupe* de opereta tenciona vir a esta cidade dar um espectáculo variado, no mesmo theatro, caso seja angariada assignatura.

NOTAS D'UM EXPERIENTE

Um perigo a evitar

Se algum dos nossos leitores tem o costume de molhar os dedos com a ponta da lingua para folhear um livro, abandone esse maldito costume, porque expõe a vida a um perigo terrivel.

Foi isto que, ainda não ha muito, se evidenciou 'numa cidade da Russia. Como a tuberculose tivesse arrebatado um grande numero de empregados da municipalidade, os medicos lembraram-se de submeter os archivos a analyses bacteriologicas, constatando-se que n'elles pullulavam os *bacillus* de Koch.

Abrindo um inquerito a este respeito, soube-se que o encarregado dos archivos era um tuberculoso, no ultimo periodo, e tinha o habito de molhar os dedos com a lingua para folhear e compulsar cada peça. Por esta forma contaminou os documentos submittidos á sua guarda. Com o tempo, os *bacillus* desenvolveram-se ali, creando um verdadeiro foco de tuberculose.

Que este exemplo sirva de lição aos que tem o deploravel costume de molhar os dedos com saliva, para folhear um livro; costume que, como devem saber, é... porco; e além d'isso prejudicial, como estão vendo.

É sobretudo preciso muito cuidado com os volumes dos gabinetes de leitura, que andam quasi sempre pelas mãos de enfermos ou de convalescentes de todas as doenças.

Chronica vimaranense

Domingo sahi de casa, perto da meia-hora, indo até ao Toural vêr passar a *élite*, voltando da missa do meio dia em S. Francisco.

*Badine, rosa no peito,
Luncta de um vidro só...*

e saboreando um fino e delicioso *Tonga*, estava 'neste goso ledó e cego quando enxergo a banda regimental dirigir-se ao coreto do jardim. Badala uma hora e começa a executar o programma que *A Memoria* havia publicado, salvo com differença nas horas da execução.

Achei opportuno o passatempo e porisso aproveitei o ensejo e entrei no jardim, acompanhado de um amigo que appareceu. Formigavam então na avenida umas donzelas de rosto branco e negras sobranceiras e outras de cabellos louros como os de Ceres, todas elegantemente encastoadas nos seus vestidos já de inverno. As mães, recostadas nos bancos á margem, olhavam de soslaio as passeantes e conversavam fraternalmente sobre modas e serviços domesticos, e, logo pegado, sobressahia o gesto espalhafatoso de certo personagem, talvez dizendo as banalidades costumadas. Mais adeante era de rir e de admirar a critica e a *verve* do *caricaturista* em acção, semelhando o dr. Pina Vaz, e nós gargalhavamos tambem do an-

dar e dos alentados pés do Ramalho Ortigão em miniatura, que passava.

Despediu-se o amigo e saiu pouco depois a vêr as montras das casas de modas com a abertura e exposição do sortido completo para a estação actual. Estavam sortidas, vistosas e deslumbrantes, e muito admiradas por avido povo.

Chegou a noite e resolvi-me a ir ao theatro apreciar o drama de Dènnery—*A Falsa Adultera*—representado por uma *troupe* portuense, composta de amadores e tres artistas. Não tive, porém, essa ventura nem de apreciar a interpretação dada pelos seus interpretes, devido ao proceder de alguns espectadores, que no decorrer do espectáculo, se julgaram senhores de tudo, sem respeito pela posição, pelos circumstantes e pelo logar.

Retirei-me para casa fazendo o meu juizo e sciente de que melhor fôra terem-lhes vendido um compendio de civilidade do que o bilhete sellado...

Em vez de ser o dia 2 é o dia 1 de Novembro, em Guimarães, consagrado o—*dia de finados*.

Dia outomnal, baço de saudade e maguas, destinado a visitar-se aquelles que desceram á terra do Esquecimento—onde se conservam placidamente na fria solidão as illusões da vida, amigos intimos, entes queridos, as affeições mais caras.

E, d'esse cortejo de peregrinos, que na quinta-feira preterita, entraram no cemiterio d'Athouguia, quantos iriam de lucto sincero ali ciciar uma prece, um desalento, que abafam lagrimas, que curtem angustias de saudade, vendo a capella, os jazigos enfeitados de crepes, luzes bruxuleantes, corôas, *bouquets* e rosas perfumadas, e os covaes humildes peçados de perpetuas e rosas de trepar?...

Poucos seriam esses.

Maior o numero dos que para lá foram mostrar-se e foliar pelas ruas austeras d'esse jardim da Morte, consubstanciando outros, fôra do sagrado recinto, na aquisição de castanhas e irem para as tavernas proximas comer e beber á farta, festejando-se assim o—*dia de magustos*.

E tanto que um individuo, depois de comer e beber melhor, entra no cemiterio e diz junto de uma campa:

—Adeus amigo! ou antes, até a vista, porque um dia virá que nos juntaremos, se Deus nos der vida e saude!

Logo adeante vê-se na pedra de um tumulo apenas as tres inciaes—A. F. T.

—A. F. T.?!... Quem será?—inquiria um curioso.

—Não é o nome do morto, é o destino que levou, dizia outro.

—Hom'essa, o destino?!...

—Sim, senhor, o destino. Vê-se bem:—

A. F. T.—*a fazer tijolo*.

Finados e magustos!

JUVENAL.



HORAS VAGAS

Pergunta enygmatica

Escusado é leitor

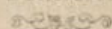
Estudar philosophia :

Ora diga, que appellido

E' que aos mortos allumia ?

Porto.

PRINCEPE DAS TREVAS.



Logographo

Porque é que choro, me perguntas inda

Depois de ouvir a affirmação que ouvi !...

Não vês, mulher, a tua culpa infinda

E a dor pungente que eu aloerço aqui ?—7, 1, 6, 2.

Embora amigo do bondoso olhar

Que com meigüices meu amor seduz,

Sem fé, sem esperança no crael pensar

Que com astucia o teu fallar traduz !—3, 5, 4, 5, 7.

Bem vês que o pranto me consola a vida

Que tu, ingrata, com prater torturas;

Pois quando brota lucida e dorida,

Filha é por certo dessas mil agruras.

JUVENAL.

*

Charada enygmatica (*)

In Elisabeth VIX—1—1—1

Plumbea son

E no cadaver estou.

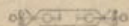
*

(*)—Ao decifrador que primeiro apresentar a decifração, será offertado o volume de versos—*Canções d'um emigrado*—como premio de sua aturada meditação.

Decifrações do numero 6

Charada-combinada—A MEMORIA.

Proverbio a adivinhar:—MUITO PADECE QUEM AMA, MAIS PADECE QUEM ADORA.
Não appareceram decifradores!



A MEMORIA

Preço da assignatura

Cada trimestre (sem estampilha)... 300

» » (com estampilha)... 350

Numero avulso 50

Annuncios, reclames e communicados na 6.^a, 7.^a e 8.^a paginas, linha..... 40

Annuncios permanentes, contrato especial.

Accusa-se a recepção de quaesquer publicações, quando enviados 2 exemplares.

Antonio d'Araujo Salgado & C.^a

Variado sortido de modas e confeções para a estação de Inverno e grande saldo de artigos proprios da occasião.

CAMPO DO TOURAL, 1, 2 e 3.

Guimarães

OBRA LITTERARIA

Um passeio a Vizella e Guimarães

E' o titulo d'um opusculo de que é autor o reverendo José Victorino Pinto de Carvalho, reitor de Mancellos.

Vende-se em Guimarães em casa dos snrs.:

Francisco Joaquim de Freitas; José Joaquim da Silva Guimarães; Manoel Joaquim d'Oliveira Basto.

CURSO PARTICULAR PARA AMBOS OS SEXOS

Este estabelecimento de ensino primario obteve, na presente epocha de exames d'instrucção primaria, o seguinte resultado:

Maria Magdalena Moura de Noronha Araujo, distincta.

Maria da Conceição Pereira da Motta, distincta.

Anna Candida Pinto, 14 valores—approvada.

Antonio Jeronymo Lopes da Cunha, 14 valores—approvado.

Os professores d'este estabelecimento recebem em sua casa alumnos internos e externos, não se poupando a sacrificios para que elles obtenham, no menor espaço de tempo, o maior aproveitamento possivel, como provam pelas classificações obtidas e acima mencionadas.

As aulas são completamente separadas para os dois sexos, e continuam permanentes.

LARGO DA OLIVEIRA (CASA VENANCIO)

Os professores,

*Narciza Rodrigues Leite.
José Leite Mendes.*

TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUZA ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulars, facturas, mapas, memorandums, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.
Carimbos de borracha, metal e madeira.